

CONDECORAÇÕES DA FORÇA AÉREA

Um valor a ser resgatado

Cel. R/R Augusto Hilmário Siqueira

Cruz de Aviação (fita B)



Campanha da Itália



A palavra condecoração é derivada do latim *condecorare*, com o significado de adornar, conferir honra. Em um conceito amplo, a condecoração é um símbolo de distinção honorífica, representada por uma insígnia, e distribuída pelos chefes de governo e instituições para agraciar pes-

soas físicas e jurídicas, por seu desempenho no processo de engrandecimento de uma nação ou no estreitamento das relações entre os povos.

Mérito Individual

O costume de realçar o mérito individual foi criado no antigo Egito, através de colares de ouro, nos quais estavam apenas as figuras do

leão e da abelha representando, provavelmente, o valor militar e o trabalho.

Na Grécia clássica, esse costume não foi mencionado nos documentos históricos. Em Roma, ao contrário, o hábito foi largamente difundido. Os imperadores e cônsules romanos recompensavam a bravura militar dos legionários com coroas de folhagens (corona), adornos

de ouro e prata sobrepostos nas couraças e elmos (torques, fibula, armila, etc.) e outros objetos de valor material.

Na época das cruzadas, foram formadas diversas ordens militares-religiosas cujas insígnias eram representadas por cruzes estilizadas que indicavam, antes de tudo, as corporações a que pertenciam

histórica das condecorações militares:

- Foram instituídas para premiar a bravura do guerreiro; e

- A sua concessão, embora abusiva algumas vezes, era extensiva somente aos melhores combatentes. - Transportemos esses dois aspectos para o nosso tempo.

A partir do século XIX, o

reconhecimento da pátria aos serviços prestados no campo de batalha.

Esse sentimento de honra continuou vivo nos integrantes do 1º Grupo de Caça na Itália e naqueles que participaram das missões de patrulha no Atlântico Sul. A Cruz de Aviação (Fitas A e B), a Cruz de Sangue, a Cruz de Bravura, a Cruz de

Mérito Santos Dumont



Campanha da Itália no Atlântico Sul



os monges-soldados. À medida em que essas ordens perdiam o caráter corporativo, e ordens leigas apareciam, as insígnias se tornaram valores iniciais da premiação individual, modificadas apenas na sua estética decorativa.

Dois aspectos devem ser considerados na ética

Brasil enfrentou diversas guerras externas e internas para consolidar a soberania nacional. Os imperadores e presidentes, através dos ministros militares, concederam diferentes "condecorações de guerra" para premiar a bravura do combatente brasileiro. O agraciado sentia-se honrado com a distinção outorgada, por representar o

Serviços Relevantes, as medalhas de Campanha da Itália e Campanha no Atlântico Sul são os símbolos que atestaram o valor daqueles combatentes.

Condecorações de Paz

Acabada a guerra, o Ministério da Aeronáutica criou

diversas "condecorações de paz"; algumas destinadas a recompensar militares e civis por destacados serviços à Força Aérea, outras, para estimular o estudo e a pesquisa.

Com o tempo, algumas dessas condecorações foram, gradativamente, perdendo seus valores intrínsecos transformando-se, para alguns militares, em meros ornamentos desprovidos de quaisquer simbolismos. Os exemplos mais expressivos são as medalhas Mérito Santos-Dumont e Bartolomeu de Gusmão.

As causas que provocaram os desgastes das "condecorações de paz", em especial as acima citadas, são de naturezas diversas. Sem metodizá-las e hierarquizá-las, listamos abaixo as consideradas mais relevantes em nossa avaliação:

- O desconhecimento das condecorações existentes na Força Aérea. Poucos militares são capazes de citar nominalmente todas as nossas condecorações e identificá-las nas barretas do uniforme;

- As constantes alterações na legislação relativas às condecorações existentes;

- Um número excessivo de condecorações concedidas para premiar o mérito;

- Os critérios de escolha dos agraciados pelos comandantes e diretores das organizações militares.

Revitalizando as condecorações

Uma vez identificadas algumas das causas que concorrem para os desgastes das "condecorações de paz", torna-se necessário apresentar, também, propostas para revitalizá-las. Sugerimos as seguintes:

- Edição de uma publicação à semelhança da IMA 210-1 "Noções de Heráldica", a ser distribuída a todas as organizações do M. Aer. onde constariam: breve histórico das condecorações militares; ilustrações ou reproduções fotográficas das condecorações e barretas, com as respectivas descrições heráldicas; legislação atualizada de cada uma delas, incluindo os modelos de propostas para as concessões e outras informações complementares;

- Sempre que possível, evitar alterações na legislação existente. Como exemplo, cito a Ordem do Mérito Aeronáutico que, desde a criação, em 01 Nov. 43, teve sua redação original alterada onze vezes;

- Redução nas concessões das condecorações Mérito Santos-Dumont e Bartolomeu de Gusmão, visando valorizá-las;

- Implantação de uma "Comissão de Honra" em cada Organização Militar, para in-

dicar os agraciados às medalhas acima referidas. A comissão seria presidida pelo comandante ou diretor, tendo como membros oficiais superiores. Os critérios de escolha, conservadas as condições exigidas para as duas condecorações, premiariam os militares e civis mais eficientes, e não os mais antigos ou os "outros".

Pode parecer surpreendente que, em um momento de intenso imediatismo e materialismo como o que vivemos, alguém se preocupe com um valor tão subjetivo como as condecorações militares. Para aqueles que pensam assim e, principalmente, para a maioria dos militares que ainda acredita na perenidade dos nossos valores culturais, deixo para reflexão as palavras escritas por Carlos Alberto, rei do Piemonte, no preâmbulo da Constituição da Ordem Civil de Sabóia:

"A história dos séculos passados e a experiência dos tempos modernos demonstram de modo incontestável que recompensas especiais, concedidas às diversas categorias de merecimento e distribuídas com imparcial justiça, poderosamente contribuem para a glória e a prosperidade dos Estados, estimulando os talentos e virtudes para o que é belo e elevado".

O Cel. Hilmário é historiador e museólogo.